

A Crise Orgânica do Capital, a ruptura da ordem unipolar e a Nova Geopolítica

Palestras apresentadas na Mesa I no XVIII Seminário Internacional de Lutas Contra o Neoliberalismo, realizado no dia 21 de setembro no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ)

Exmo. Embaixador Ahmed Mulay Ali Hamadi (Representante da Frente Polisário no Brasil)

Bom dia, senhoras e senhores.

Estimadas e respeitadas senhoras e senhores, permitam-me em primeiro lugar, oferecer-lhes a nossa mais sincera saudação em nome da Frente Polisário, do governo e do povo Saaraui, que vive uma das fases mais cruciais de sua história, na luta contra o Reino de Marrocos pela liberação da parte do nosso território, ocupado pelo exército marroquino. Quero agradecer-lhes a solidariedade e agradecer-lhes o apoio ao nosso povo. Somos um pequeno povo no norte da África, que foi colônia espanhola por mais de um século e teve que recorrer às armas contra o colonialismo espanhol que tentou converter nosso país na província 53 do estado espanhol, quando descobriu as riquezas que temos no nosso território. E, além das riquezas, também da importância da localização geopolítica do nosso estado no norte da África, já que tem o Oceano Atlântico, o Mediterrâneo, e é uma porta entre América Latina, África e Europa. Por isso, a Espanha queria nos converter em espanhóis. Depois, quando conseguimos que a Espanha saísse, infelizmente, fomos invadidos pelo Marrocos, apoiado por França, Israel e Estados Unidos. Invadiu parte do nosso território militarmente, com o objetivo de eliminar o povo Saaraui, eliminar a língua espanhola e distribuir as riquezas às empresas ocidentais. Aqui, quero agradecer, em nome do povo Saaraui, aos e às organizadoras de tão importante seminário. É necessário, se prestarmos atenção à situação mundial que estamos vivendo hoje – realidade onde capitalistas e imperialistas, aliados com suas políticas tanto neoliberais como também neocoloniais, estão arrastando o mundo a uma profunda crise, porque eles estão vendendo-lhe a crise – que pode levar, desgraçadamente, a uma guerra e pode ser uma guerra nuclear, terceira guerra mundial, onde a humanidade pode desaparecer ou andar milhões de anos para trás, para a pré-história.

Esta atividade que temos agora deve nos levar a uma releitura profunda da conjuntura atual. Devemos buscar como juntar e organizar todos os homens, grupos, estados e a sociedade civil em geral contra esta estrutura do imperialismo reinante dirigida pela

extrema-direita no mundo, que só tem um objetivo que são os lucros, usando todos os meios possíveis, como guerras, exploração, pesadelo dos direitos humanos, justiça e direito internacional, entre outros métodos selvagens que eles usam. O colonialismo acelerou quando se colonizou América Latina e África com sua exportação Imperialista e com seus métodos cruéis, como a escravidão, o extermínio dos povos, a conquista, o saque, o uso do dinheiro, a comercialização de bens e as guerras mercantis entre os países europeus. Foram elementos principais da acumulação capitalista de riqueza e de desenvolvimento do modo de produção capitalista selvagem que hoje vivemos como neoliberalismo. Os neocolonialistas também abandonaram as colônias latinas e africanas depois da criação de uma burguesia nativa atada a eles, econômica e culturalmente. Os poderes coloniais mantiveram sua dominação econômica, transformando essa burguesia que eles criaram, nacional em colonialistas de seus próprios povos, burguesias nativas que colonizaram seus próprios povos, com os quais acomodaram sua conduta e seus interesses, e assim o colonialismo saiu pela porta, mas voltou pela janela em forma de neocolonialismo e que agora vivemos como neoliberalismo.

A agressividade do imperialismo, devido à sua negação de perder seu domínio global, se manifesta na forma de bloquear o surgimento de qualquer força capaz de competir com ele, como o que está acontecendo contra a China, contra a Rússia, contra a Venezuela, contra Cuba, contra nós, contra muitos. Isso demonstra a crise profunda, como já falaram os companheiros, crise profunda do sistema neoliberal atual. Por isso, tenta aumentar outras potências – usando bloqueios, usando poder militar, sanções comerciais e sanções tecnológicas. Estamos, senhoras e senhores, em um momento em que precisamos de uma fronteira de partidos, movimentos, resistências intelectuais, ONGs e povos para enfrentar esse monstro capitalista neoliberal que só pensa em lucrar, não lhe importa nada além disso. Também acho que o trabalho fundamental deve ser feito no âmbito educativo, desde a escola primária até as universidades, para a criação de gerações amantes da paz, da solidariedade, das democracias e do respeito ao direito internacional. Tudo isso contra a possibilidade de guerras, roubo e mudança climática que estamos vivendo e a dominação social do neocolonialismo e neoliberalismo. Todos sabemos que o surgimento da ideologia neoliberal está vinculado ao início e aprofundamento da crise geral do capitalismo que estamos vivendo e que apareceu há tempo de diferentes maneiras entre a era do colonialismo, explorando terras e povos, e assim se desenvolveu esse neoliberalismo contra o qual temos de lutar. Respeitadas e respeitados, venho trazer a saudação do povo saarai que está enfrentando uma classe de colonialismo e invasão, obrigado a retomar as armas contra o rei ditador expansionista e aliado ao capitalismo global, que invadiu militarmente nosso território, a República Árabe Saarai Democrática, que é meu país. Mohamed VI, rei do Marrocos, está aplicando a teoria de Hitler. Hitler havia dito uma vez que a aquisição de novos territórios colonizados para o excedente de nossa população oferece infinidade de vantagens. Só que o rei de Marrocos busca expansão por nossa riqueza e para acabar com nosso povo, não por outra coisa. Está utilizando os métodos de tortura, desaparecimentos, prisões e métodos brutais contra nós. Vocês se perguntam como isso não se divulga na mídia? A parte ocupada do nosso país está rodeada por um muro de 2.700 quilômetros e tem

8 milhões de minas e 150 mil soldados marroquinos. Eu que lhes falo, tenho 50 anos sem ver minha família. Estou na Zona Liberada, minha mãe, minha irmã e meus irmãos estão na Zona Ocupada e só nos conectamos pelo WhatsApp. O muro divide o povo saarai e divide o território saarai.

Amigas e amigos, no norte da África, temos os povos da Argélia, que é um país socialista, e as repúblicas saarais, e a Mauritânia, e até a Espanha pelas Ilhas Canárias, e Ceuta e Melilla, e Mali. Todos estamos lutando contra a filosofia de expansão marroquina. Eles dizem que toda essa terra, todo o norte da África, é do rei. Por isso, todos estamos enfrentando esse problema. O Saara Ocidental é o único país árabe que fala espanhol, uma característica que, combinada com nossas riquezas, anima o rei de Marrocos, financiado por França, Estados Unidos e Israel, a invadir nossa terra. Este ato está condenado pela ONU, pelas Nações Unidas, pelo Conselho de Segurança, por Haia, pela Corte de Justiça Europeia, pelos Não-Alinhados, pelo BRICS, mas, infelizmente, nesses tempos, o direito internacional e a justiça estão arquivados, ou, até mesmo, podem estar no lixo. Hoje, está funcionando a guerra, como estamos vivendo, e temos que lutar contra isso. E, por isso, Marrocos continua, com seu exército, ocupando nossa terra, sem importar o direito, nem os tribunais, nem a justiça. Claro, apoiado por França e Estados Unidos, que têm veto no Conselho de Segurança, e esse é o problema. Nosso povo foi perseguido. Temos mais de 650 desaparecidos. Temos dezenas nas prisões marroquinas. As pessoas que conseguiram escapar foram perseguidas por aviões marroquinos e mataram centenas de mulheres, crianças e adultos utilizando napalm e bombas de fragmentação, que são duas bombas proibidas internacionalmente, mas foram doadas pelos Estados Unidos, França ao Marrocos, que usaram contra nós, e os meios não podem falar. Sempre acreditamos na coerência do Brasil, como um país que, sobretudo agora, com esse grande homem, senhor Lula, defende a justiça, defende o direito internacional e está tentando apoiar o que falta apoio. E reconhecemos o grande apoio do governo do Brasil em reconhecer a República de Palestina, nosso povo irmão, que eles estão lutando. Eles estão lutando contra Israel e nós estávamos lutando contra o Marrocos, e Israel e o Marrocos acabaram de firmar um apoio militar entre eles, e Israel deu drones ao Marrocos para atacar o nosso exército. Por isso, nós, o estado saarai, já foi reconhecido por 84 países no mundo, e queremos que o Brasil seja o 85. Então, peço apoio a todos e a este Seminário para que sua excelência Lula veja com os olhos que viu a Palestina, também veja o povo saarai e reconheça a República Árabe Saarai Democrática. É uma batalha que estamos levando aqui e queremos que vocês nos ajudem nesse sentido.

Estamos em uma encruzilhada no norte da África. Há guerras todos os dias entre nossos homens contra o exército marroquino. E só há dois caminhos: ou forçamos a paz por negociação e por aplicação das relações das nações unidas, ou, se a guerra continua, poderia trazer grandes catástrofes ao norte da África. Este seminário poderia ajudar em tudo isto mediante várias formas. Uma, todos os que podem usar esta informação e fazer com que o povo brasileiro conheça a história saarai, é um método. Outro método, os jornais, rádios e televisões. Outro método, eu trouxe uma proposta de uma moção de apoio ao povo saarai, para verificar se vocês aprovam aqui e podemos usá-

la nas redes e também nos podem ajudar a divulgar, a divulgar, a divulgar. Por último, eu faço um convite. Nós, a cada ano, fazemos uma caravana que vai lá viver com o povo saaraui uma semana. Ano passado, me acompanharam 34 brasileiros. Este ano, já está organizada a segunda caravana, vão comigo 15 brasileiros. Convido os cariocas que formem parte da caravana de 2025. Aqui, todos que querem a informação sobre a caravana, ou querem maior informação sobre a causa saaraui, só têm que me mandar um e-mail. Muito obrigada! O povo saaraui espera por vocês para o ajudar a liberar sua terra. Obrigado!

Exmo. Sr. Wang Haitao (Vice-Cônsul-Geral da República Popular da China, no Rio de Janeiro)

Bom dia a todos os presentes aqui. Acho que todos os senhores têm muito entusiasmo para participar deste seminário. É uma grande honra ser convidado para este XVIII Seminário Internacional de Lutas contra o Neoliberalismo. Em nome do consulado-geral da China no Rio de Janeiro, gostaria de expressar minhas calorosas felicitações pela realização deste seminário e meu profundo agradecimento a todos os especialistas e amigos que têm apoiado o desenvolvimento da China ao longo dos anos. Este seminário concentra-se no tema da Crise Orgânica do Capital, a Geopolítica da ruptura da Ordem Unipolar e a relevância estratégica da América Latina e do Brasil. Este tema tem uma profunda relevância para a realidade atual.

De fato, atualmente o mundo está passando por grandes mudanças nunca vistas durante um século, acelerando o desenvolvimento da nova revolução tecnológica e a transformação industrial. O equilíbrio de poder internacional está sendo profundamente ajustado, enquanto as tendências de anticorrupção e socialização estão crescendo, o unilateralismo e o protecionismo estão em ascensão. A recuperação econômica mundial é fraca e os conflitos e instabilidades locais são frequentes. Problemas globais estão se intensificando e o mundo entrou em um novo período de turbulência e mudança. Tendo-se uma série de problemas e desafios globais, a China defende uma multipolaridade mundial igualitária e ordeira, e uma globalização econômica inclusiva e benéfica para todos.

Em primeiro lugar, a multipolaridade é a tendência básica do mundo atual. A maioria dos membros da sociedade internacional, grandes ou pequenos, defende a multipolaridade mundial e acredita que não se deve retornar ao caminho de confronto entre blocos e do jogo de soma zero. A China defende que a multipolaridade mundial deve ser igualitária, ou seja, deve insistir na igualdade entre todos os países. Em segundo lugar, a multipolaridade é a tendência básica do mundo atual. A China defende que não se deve retornar ao caminho de confrontação entre blocos e do jogo de soma zero. A China defende que a multipolaridade mundial deve ser igualitária, ou seja, deve insistir na igualdade entre todos os países, grandes e pequenos, rejeitando o hegemonismo e a política de poder, além de se opor ao monopólio de assuntos internacionais. No entanto, no sistema multipolar global, rompendo com a narrativa tradicional de que a multipolaridade se refere apenas a um pequeno número de grandes potências, a

China defende que a multipolaridade mundial deve ser ordeira, ou seja, deve garantir que o processo de multipolaridade seja estável e construtivo em termos gerais. A multipolaridade deve se tornar um processo histórico de união e não de divisão, de diálogo e não de confrontação, de cooperação e não de conflito. Em segundo lugar, a cooperação econômica é uma exigência objetiva do desenvolvimento das forças produtivas. O resultado inevitável do progresso tecnológico, o caminho necessário para o avanço da sociedade humana e uma tendência histórica irreversível. A China defende que a globalização econômica deve ser benéfica para todos, respondendo às demandas e leis dos países do mundo, especialmente dos países em desenvolvimento. E resolvendo os problemas de desequilíbrio de desenvolvimento causados pela distribuição global de recursos, o desenvolvimento deve ser equilibrado e completo, visando o benefício mútuo e a prosperidade compartilhada. A China defende que a globalização econômica deve ser inclusiva, abrindo cada país a seguir seu próprio caminho de desenvolvimento de acordo com suas condições nacionais, trabalhando juntos para criar o desenvolvimento comum de toda a humanidade. Devemos nos opor a todas as formas de unilateralismo e protecionismo, e resistir à imposição de padrões e regras discriminatórias e excludentes. Devemos promover a liberalização e a facilitação do comércio e dos investimentos, manter estáveis e desobstruídas as cadeias de suprimentos e de produção globais, preservando a vitalidade e o impulso do crescimento econômico mundial. Senhoras e senhores, amigos, tendo de questão o nosso tempo, para onde vai a humanidade? Que tipo de mundo construímos e como construí-lo? O nosso presidente Xi Jinping, pensando no futuro e destino do mundo, propôs a construção de uma comunidade com futuro compartilhado para toda a humanidade. Desde a nova era, a construção de uma comunidade com um futuro compartilhado para a humanidade passou de uma iniciativa chinesa a um consenso internacional, de uma visão idealista a uma prática concreta, de uma proposta conceitual a uma proposta social, a um sistema científico, tornando-se uma bandeira brilhante que guia o progresso dos tempos. Atualmente, a China já construiu diferentes formas de comunidades com futuro compartilhado com dezenas de países e regiões, promovendo a construção de comunidades em áreas como saúde e bem-estar, relações entre o homem e a natureza, ciberespaço e oceanos. Isto define claramente a direção dos esforços para o desenvolvimento comum da sociedade humana, a paz duradoura e o intercâmbio de civilizações. No âmbito da construção da comunidade com futuro compartilhado para a humanidade, o presidente Xi Jinping também propôs a iniciativa de desenvolvimento global, a iniciativa de segurança global e a iniciativa de civilização global, respondendo às demandas universais dos povos pela paz, desenvolvimento e cooperação. Essas iniciativas contribuem com a sabedoria e as soluções chinesas para aperfeiçoar a governança global, enfrentar as transformações mundiais e resolver os problemas da humanidade. Este ano (2024) marca o 50º aniversário do estabelecimento das relações diplomáticas entre a China e o Brasil. Ao longo do meio século, as relações entre a China e o Brasil mantiveram um desenvolvimento estável com crescente influência global, estratégica e abrangente. Ao mesmo tempo em que promovem o desenvolvimento e a revitalização dos seus próprios países, essas relações também desempenham um papel importante na paz, estabilidade e prosperidade mundiais.

Na mensagem de felicidade do presidente Xi Jinping ao presidente Lula, ele afirmou que a China está disposta a tomar o 50º aniversário do estabelecimento das relações diplomáticas como um novo ponto de partida para continuar fortalecendo o alinhamento das estratégias de desenvolvimento dos dois países, aprofundando a cooperação em várias áreas e dando um novo significado à relação China-Brasil para juntos promoverem a construção de uma comunidade com futuro compartilhado entre os dois países. Este ano (2024) também marca o 10º aniversário da criação do Fórum China-CELAC, que é a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos. Ao longo dos últimos 10 anos, a confiança política mútua entre a China e a América Latina aumentou. O desenvolvimento complementar foi promovido e o intercâmbio cultural foi aprofundado. Juntos temos enfrentado desafios globais e promovido o desenvolvimento do sistema de governança global em direção a uma maior justiça e equidade. A cooperação amigável em várias áreas entre a China e a América Latina tem florescido e as relações entre a China e a América Latina entraram em uma nova era de igualdade, benefício mútuo, inovação, abertura e ganhos para o povo, injetando forte impulso na construção de uma comunidade com futuro compartilhado entre a China e a América Latina. Há dois meses, a terceira sessão plenária do 20º Comitê Central do Partido Comunista da China fez um planejamento geral para aprofundar ainda mais as reformas e promover a modernização com características próprias. Propondo mais de 300 medidas de reforma e estabelecendo que todas serão concluídas até o 80º aniversário da Fundação da República Popular da China em 2029. A modernização chinesa proporciona novas oportunidades para aprofundar a cooperação entre a China e o Brasil, bem como entre a China e a América Latina, injetando novo impulso no processo de modernização dos países latino-americanos. Olhando para o futuro, estamos dispostos a trabalhar com os países latino-americanos, incluindo o Brasil, para implementar a iniciativa de desenvolvimento global, a iniciativa de segurança global e a iniciativa de civilização global, defendendo uma multipolaridade mundial, igualitária e ordeira, e uma globalização econômica inclusiva e benéfica para todos. Promoveremos ativamente a construção da Comunidade China-Brasil, com um futuro compartilhado, também a comunidade entre a China e a América Latina, construindo juntos um mundo de paz duradoura, segurança universal, prosperidade compartilhada, abertura, inclusão, que seja limpo e belo. Muito obrigado a todos!

Exmo. Embaixador Benigno Pérez Fernandes (Cônsul-geral de Cuba em São Paulo)

Primeiro de tudo, o meu agradecimento aos organizadores pelo convite de participar deste excelente seminário. Há alguns dias, um dos grandes jornais do Brasil e representante do grande capital dedicou um editorial a Cuba. Não vou contar-lhes as maravilhas que ele escreveu sobre a Revolução Cubana, vocês imaginarão, mas ele se referiu ao regime arcaico cubano e adicionou que o bloqueio dos Estados Unidos a Cuba só serve de pretexto para o governo cubano. Sobre isto último, não vale a pena comentar, mas qualificar de arcaico o sistema socialista, não será arcaico o capitalismo,

cujas origens datam de quase 400 anos? Embora o capitalismo, em suas origens, tenha contribuído ao desenvolvimento das forças produtivas, já há muitos anos que deixou de fazê-lo, e em sua etapa superior, o imperialismo só consegue se impor a sangue e ao fogo. O imperialismo e o neoliberalismo são como a unha e a carne, têm de andar juntos, e não foi casual que Francis Fukuyama nos vendesse, ao desaparecer o socialismo na Europa, sua tese sobre o fim da história. Segundo este autor, o capitalismo seria o último estágio da evolução humana, ou da evolução da sociedade. Segundo as teses neoliberais, o sistema seria tão eficiente e geraria tanta riqueza, que essa riqueza chegaria aos de baixo. Mas a realidade, lamentavelmente, é outra.

Segundo o Banco Mundial, não o Banco Nacional de Cuba, segundo o Banco Mundial, em 2022, um total de 712 milhões de pessoas viviam em extrema pobreza em todo o mundo, um aumento de 23 milhões em comparação com o ano 2019. E segundo a própria fonte, o objetivo de desenvolvimento sustentável, de terminar a extrema pobreza em 2030, continua sendo inalcançável. Isso diz um representante do capitalismo, o Banco Mundial. Segundo o Oxfam Brasil, o 1% mais rico acumulou 42 bilhões de dólares de nova riqueza durante a última década. Quase 34 vezes mais que todo o 50% mais pobre da população mundial. Será sustentável, pergunto-me, no tempo, um sistema social assim? Com certeza não.

Estimados companheiros e companheiras, o século presente é testemunha do aprofundamento da crise mundial, de caráter integral ou multidimensional, associada ou derivada da crise do capitalismo, como sistema internacional, cujas manifestações se registravam já desde o século XX. Os atentados terroristas do 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, provocaram cenários de guerras prolongadas sob o pretexto da luta global contra o terrorismo. Os problemas da segurança global se situam no primeiro plano, revitalizando-se percepções de ameaça como expressão dos interesses e relações de poder imperialistas que se impõem como estratégia nas relações internacionais. Ante a ausência do socialismo como sistema mundial, a unipolaridade do capitalismo se aprofundou, com protagonismo nos Estados Unidos, através de um processo em que mostra uma declinação recente, mas, mesmo relativa, perdendo espaços hegemônicos, mesmo que consiga manter fortalezas em determinados terrenos, como o ideológico, cultural e militar, mas no meio de uma disputa com grandes potências como são a China e a Rússia. Em resumo, os Estados Unidos experimentam uma crise de hegemonia e o mundo vive uma transição ainda inconclusa. Vinha transitando de um mundo bipolar, entre capitalismo e socialismo, a outro unipolar. Desde a unipolaridade estadunidense a uma multipolaridade encarnada em essas duas potências, China e Rússia, mas ganhando dinamismo em outras nações e grupos de países como a União Europeia, os BRICS, Irã, Índia, etc. Este processo é contraditório e complexo e está em desenvolvimento. A nova geopolítica tem a ver justamente com esse reposicionamento ou acomodação de espaços em espaços de poder que, a diferença do passado, se tratava do geográfico territorial, marítimo, aéreo. Hoje se estende ao sideral, ao aeroespacial, cibernético, comunicacional, virtual e cultural. Tão importante quanto o controle dos espaços nas disputas econômicas, políticas e militares, hoje é a disputa dos sentidos. A nova geopolítica compreende tudo isso. Inclui o controle da consciência humana, valores, convicções,

sentimentos, importam tanto como os recursos naturais. Na nova geopolítica, a luta contra todo governo, força política, movimento social, de natureza emancipadora, de esquerda ou revolucionária, será enfrentada e avaliada como uma ameaça. O mundo se encontra em uma encruzilhada geopolítica assinada pela incerteza. A era de relativa estabilidade e cooperação que se seguiu ao chamado fim da Guerra Fria, ao desintegrar-se a União Soviética e desabar o socialismo na Europa do Leste, passou a um período de incerteza, volatilidade e imprevisibilidade. Nesse contexto, se observam indícios, repito, se observam indícios para a multipolaridade partir da disputa entre Estados Unidos e outras potências. Nesse marco, poderia até ser produzido um ressurgimento das velhas geopolíticas de blocos, mesmo com uma configuração diferente da do passado. No momento, Estados Unidos andam por um lado, a OTAN por outro, mesmo que sejam aliados, Rússia e China por seus próprios caminhos, e o imperialismo temendo uma possível concertação ou aliança entre esses dois últimos países. A nível ideológico, em tempos de crise orgânica e de quebra da ordem mundial unipolar, o chamado pensamento único, de raiz imperialista, procura neutralizar o pensamento crítico, emancipador, sobre todas as alternativas que se propõem para construir um mundo melhor. Constituindo o marxismo, o inimigo principal, mesmo que também compartilhando as outras opções ideológicas, como as que podem propor as potências ou polos de poder emergentes. As ideias neoliberais em políticas econômicas persistem, junto à ideologia conservadora de extrema-direita e neofascista, como recurso do imperialismo para enfrentar a crise. A nova geopolítica mantém seu acervo na antiga geopolítica da dominação, renunciada às condições atuais e aos instrumentos e tecnologias renovados, incluídas as da informação e a esfera militar. Frente a ela, é imperioso, urgente, opor uma geopolítica da emancipação, que se nutre do pensamento latino-americanista e progressista mundial. Nos tempos escuros que vivemos, floresce o irracionalismo, crescem os grupos de ódio, o racismo, a xenofobia, a misoginia e a homofobia. Se articulam movimentos de extrema-direita na Europa, nos Estados Unidos e até mesmo na nossa América. Frente aos olhos do mundo, cometem-se graves crimes contra a humanidade. Olhem para os palestinos, e os responsáveis ficam protegidos sob um manto de impunidade. O movimento de solidariedade para o povo palestino por parte dos jovens dos Estados Unidos e de diferentes cidades da Europa e de outras regiões foi algo alentador. Mas não é suficiente. Temos visto, através das redes sociais, imagens de bombardeios sobre hospitais, escolas e centros de refugiados e os resultados atroz de crimes que se continuam cometendo contra crianças, mulheres e velhos palestinos.

Esta crise ética está acompanhada por uma crise cultural muito evidente. A arte e a cultura foram degradadas a passatempos vazios e pueris e a pura mercadoria. Na atualidade, a mensagem humanista da autêntica cultura é omitida ou caricaturada. Os avanços das tecnologias de informação e comunicação não construíram um mundo mais culto, mais tolerante, mais inclusivo, mais sábio e melhor preparado para enfrentar os desafios globais. Tudo o contrário. Graças às tecnologias, a poderosa indústria do entretenimento ganhou maior influência em escala global. Hoje, mais do que nunca, se impõem fetiches e paradigmas colonizadores. Arrasa as identidades de nações e comunidades. Borra a memória histórica. Fomenta o rejeito de qualquer desafio intelectual

de certa complexidade. O impacto de uma máquina se estende muito mais além da arte. Chega a sequestrar a subjetividade de milhões de pessoas e influi decisivamente em emoções, comportamentos, costumes, esperanças, metas no sentido mesmo da vida. As redes sociais colecionam os dados pessoais dos usuários, suas afinidades, interesses, doenças, projetos, tudo o que é imaginável. E exercem uma espionagem refinada sobre eles, com a colaboração das vítimas. E, a partir dessa informação, desenham perfis para usá-los em campanhas publicitárias ou eleitorais e enviam mensagens à carta, modeladas segundo os destinatários. Se, por um lado, as novas gerações sofrem as consequências desta droga inédita, por outro, os adultos consomem obsessivamente a pior cultura chatarra e reagem contra ela como crianças. Por isso, estudiosos da indústria cultural falam há anos sobre a infantilização das audiências. As percepções da realidade, os sentimentos, os medos e pesadelos da gente são manipulados de modo cada vez mais sofisticado e efetivo. A chamada pós-verdade é uma maneira de legitimar a mentira, a calúnia e a infâmia. Campanhas despejadas trabalham a todas as horas para desprestigiar líderes e governos progressistas latino-americanos e plantar ódio contra eles. Vocês, brasileiros, foram testemunhas de tudo isso. Assim se justificam bloqueios, sanções unilaterais, tormentos e sofrimento para povos que cometeram o pecado de defender sua soberania. A política assumiu a estética do show de realidade. Nós que vivemos em São Paulo estamos vendo isso. Os programas e as ideias dos candidatos já significam muito pouco. É o domínio do cenário que pode levar o suposto líder à vitória. A gesticulação, as poses, as frases eficazes, os insultos contra o oponente e até as cadeiras incluídas. A batalha comunicacional é, hoje, a mais importante tática e estratégia. Para todos nós que, contra vento e maré, mantemos vivos os sonhos de emancipação, humanismo, justiça social e genuína democracia, e acreditamos na urgência de globalizar a solidariedade. Neste cenário mundial, nós, cubanos, continuamos defendendo a esperança e convencidos de que um mundo melhor não é só possível, mas necessário, pagando um preço muito alto pela nossa irreverência. O governo dos EUA, desde o mesmo ano de 1959, não esconde seu esforço de destruir a Revolução Cubana e, para isso, usou os métodos mais criminosos. O bloqueio dos EUA mantém e reforça as leis e disposições relacionadas com o bloqueio contra Cuba e as práticas tradicionais para sua implementação, sobre a base do objetivo histórico de deprimir a economia e os salários, gerar carências materiais e danos aos serviços públicos, provocar insatisfações e subverter a ordem constitucional legitimamente estabelecida pelos cubanos. É um procedimento assentado em documentos oficiais desclassificados do governo dos EUA, tais como o memorandum interno do subsecretário de Estado Lester Mayuri, de 6 de abril de 1960, em que se apontava seu objetivo, e cito, provocar fome, desesperança e derrota do governo cubano. A ofensiva contra o turismo. Vocês sabem que, nos últimos anos, o turismo cubano se tornou a locomotiva da economia cubana. A ofensiva contra o nosso turismo, a alegação de ataques sônicos, também chamada síndrome de La Habana, inexistente contra os diplomatas estadunidenses, como justificção para qualificar Cuba como um país pouco seguro. A perseguição dos convênios de cooperação médica internacional cubana é uma das ações do passado recente. A designação arbitrária de Cuba na lista de estados patrocinadores do terrorismo não é só um ato simbólico, mas tem graves

implicações econômicas, enquanto ainda mais duras são as limitações e provisões que já se aplicavam ao país em virtude do bloqueio. A medida, ou seja, a de estar na lista dos países que patrocinamos o terrorismo, tem provocado sérias dificuldades para as nossas operações no setor bancário e financeiro, o comércio internacional, a aquisição de fontes de ingressos e energia, o acesso a créditos, e, para já, fornecedores de bens e insumos fundamentais para o desenvolvimento econômico. Em menos de dois meses, a partir da aplicação, ou seja, a de estar nessa lista, mais de 45 bancos de diversos países fecharam operações relacionadas com Cuba. O país perdeu provedores tradicionais de Europa e América Latina, principalmente. Diminuiu a metade da nossa capacidade de compra dos insumos necessários para produzir medicamentos no momento de maior complexidade de enfrentamento à pandemia da Covid.

Estimadas companheiras e companheiros, como este evento está dedicado à luta contra o neoliberalismo, vou usar uma frase para concluir minha intervenção, pronunciada por Fidel, nosso mestre. Nada menos que o discurso do Brasil, é um parágrafo de uma intervenção dele em Salvador, em julho de 1993. Como Fidel era sábio, disse Fidel: “a meu juízo, o neoliberalismo não tem futuro.” Chegará o momento em que tudo isso começará a se questionar, mas o tempo tem de passar. E, enquanto isso, temos de lutar pelas coisas justas, pelas ideias mais concretas, formando consciência. É muito importante que os povos tomem consciência e os povos vão tomar consciência à medida que vejam que essas receitas neoliberais não resolvem os problemas.

Professor Doutor Aluisio Pampolha Bevilaqua (Presidente do CEPES e Pesquisador Sênior do NEA/INEST-UFF)

Antes de tudo, gostaria de dizer que é com muita preocupação que vemos a situação internacional. Este é um dos momentos em que, historicamente, a realidade vai se transformando. Alguns enxergam esse movimento mais à frente, outros enxergam mais atrás, e o pensamento concreto, a interpretação desta realidade, se torna algo muito fluído e muito difícil. Mas ela tem alguns pontos que nos ajudam a entender qual sua direção. A história não parou, ela não para. Ela pode até recuar, em um dado momento, ficar para um lado e para o outro; mas ela sempre toma uma direção. E a direção do mundo é muito clara neste momento: ele está saindo de uma ordem unipolar e passando para uma ordem multipolar. É possível observar isso e identificar os pontos fundamentais que nos oferecem a possibilidade de compreender este processo. Em primeiro lugar, temos um quadro em desenvolvimento na Europa que ninguém pensava viver novamente: o processo de guerra. Uma guerra onde torna-se evidente que todos os países da OTAN reunidos transformaram a Ucrânia em um campo de batalha, uma cabeça de ponte para um grande sonho da Europa. Não a Europa que todo mundo pensa, influenciada pelos Estados Unidos; mas da própria Europa, aquela que ressentiu a Revolução de 1917 da classe operária na Rússia. Esta, por sua vez, inaugurou uma nova visão para o mundo e foi um grande farol, ninguém pode esquecer disso. Esta Europa carcomida, que transferiu parte de seus capitais para os Estados Unidos, até mesmo para as regiões da América Latina e outras regiões do mundo, não aceita a emergência de um povo

e ser tratada de igual para igual. Ela tem a cabeça imperialista – antes colonialista e depois imperialista – que alimentou os Estados Unidos.

Quanto aos Estados Unidos, nós da América Latina, do Brasil, tivemos um papel fundamental em sua ascensão a poder imperialista. A divisão da América Latina – retalhada em vários países e o Brasil de costas para eles – fez com que o país de maior integração e expansão territorial, os Estados Unidos, surgisse como uma grande potência a substituir o Império inglês e as coroas que estavam já apodrecendo na Europa. Esta foi a base para que os Estados Unidos se tornassem a grande potência que nos oprime. A ordem que se inaugurou a partir deste processo de desintegração fez com que eventualmente surgisse uma ordem unipolar e de pensamento único. Mas hoje, esse mundo está ruído.

A guerra que ocorre na Europa demonstra isso. A OTAN não é capaz de derrotar a Rússia. Isso não é um discurso panfletário, é um dado real. Avaliemos por esta perspectiva: a possibilidade de destruir a Rússia é através da guerra nuclear; porém, a Rússia detém o maior arsenal nuclear do mundo nesse momento. Assim, chegamos ao entendimento da ruptura com um dos pilares desta ordem unipolar. Há três pilares a sustentarem a ordem unipolar. Primeiro, o poder militar dos Estados Unidos, que basicamente é o cobertor de toda a Europa. Porém, não é apenas este pilar que estamos enfrentando em relação à ordem unipolar em que podemos identificar um ponto de ruptura. Há um outro ponto de ruptura: o econômico. A China já ultrapassou os Estados Unidos em termos de crescimento econômico mundial; algo inédito, algo importante. Nenhum império cai ou é ultrapassado economicamente sem que haja retaliação. Eu não me refiro ao povo dos Estados Unidos – o povo dos Estados Unidos é um pouco do povo também das Américas, de todos nós –, mas daqueles que dominam, as oligarquias que controlam e não vão querer entregar essa vantagem no plano internacional: a manutenção de toda uma estrutura econômica, uma moeda que controla todas as relações de troca no mundo e que garante, de certa forma, a colonização dos latino-americanos, ainda que de uma nova forma. Esse poder não vai se entregar assim tão fácil. É, portanto, um quadro difícil para a humanidade.

Há ainda um outro elemento. Se a Rússia basicamente enuncia a ruptura com o poder militar desse sistema unipolar e a China enuncia a ruptura do poder econômico desse poder, os Estados Unidos não caem porque não deixam de exercer um poder político. São capazes, por exemplo, de sancionar Cuba, mesmo quase todos países representados nas Nações Unidas votando contra; de impor sanções à Rússia; de travar uma luta contra a China e suscitar feridas a ponto de incentivar Taiwan a fazer um papel que pode ser danoso para todos. O Cônsul de Cuba que falou antes de mim expressou alguns pontos importantes neste sentido, como a nova dimensão da luta e do poder político. A dimensão da comunicação, da cooptação, de ser capaz de captar sentimentos. Quando falamos isso, não desconsideramos a força econômica e a força militar que os Estados Unidos ainda detêm. Dito isso, eu volto à América Latina e ao Brasil.

Historicamente, a América Latina sempre teve um duplo estatuto geopolítico e um papel estratégico que muitas das vezes é renegado pelos dominadores; digo renegado porque nenhum dominador assume ao dominado que o domina. Ela iniciou este duplo

estatuto geopolítico não com os Estados Unidos, mas com a Europa. Quando Portugal e Espanha vieram para a América Latina, a Revolução Burguesa crescia e a expansão napoleônica fez com que toda nobreza viesse para cá, buscando se ajustar. Desta forma, os impérios feudais que estavam decaindo encontraram sustentação por mais algum tempo. A decadência feudal de Espanha e Portugal se prolongou por um tempo através da exploração de suas colônias, entre as quais a América Latina e o Brasil.

Durante o processo de independência, a Espanha atuou com muita astúcia, levando também à divisão da América Espanhola. Eles negaram o poder que tinha sido instituído por Napoleão na invasão ao país, abrindo espaço para que as oligarquias em formação aqui no continente lutassem pela independência. Agora, essa independência, toda retalhada, nunca construiu a unidade que poderia concretizar o sonho de Bolívar da Grande Pátria Latina. Só existiu uma exceção à regra em toda a América Latina: Cuba, o único território livre do imperialismo na América Latina. Isso é um fato. O Brasil se manteve unido, pelo contrário, porque Portugal aqui foi muito mais diplomático, não apoiou a Revolução, só decretou a maioria do príncipe regente aqui, que era o príncipe de Portugal e herdou também as dívidas com a Inglaterra. Desde aquele tempo, herdamos uma dívida externa que até hoje é um peso nas nossas costas e nunca conseguimos resolver.

Esta foi a primeira conformação do nosso duplo estatuto: reduto do velho império feudal e, ao mesmo tempo, base para a revolução burguesa que o combatia. Essa foi a nossa “grande independência”. Por outro lado, é importante ressaltar que também houve lutas internas no nosso país, houve sangue derramado, mártires; houve e ainda há. E estão por aí, não só os grandes nomes que fazem nossa história e nos orgulham de ser brasileiro, de termos povo que sabe sua consciência de independência, mas aqueles que estão entre o povo nos recantos mais distintos, sofrendo um sistema de opressão, de exploração. Este é o povo que, de vez em quando, se levanta e consegue reverter essa situação histórica de opressão. Temos muito orgulho da nossa história e da nossa luta.

É importante citar essa formação da América Latina dentro da discussão da mudança da geopolítica pois há em toda a América Latina um povo que não quer se calar, não quer deixar se dominar, que luta pelo seu desenvolvimento, luta para ser soberano. Em alguns países, chega até ao governo ou ao poder, mas entramos em um processo de divisão, que é de traição dentro do nosso próprio povo, de trair conquistas nacionais, porém o poder de corrupção das oligarquias é muito forte. Portanto, não é fácil sair dessa situação, mas é possível avançar. O povo brasileiro, quando elegeu Lula, deu uma demonstração de que não aceitaria voltar a um regime de opressão, um regime de escárnio nacional que nos isolava do mundo. A Venezuela deu um exemplo de luta desde o desenvolvimento de Chávez. A Colômbia mesmo, agora vem tomando uma posição mais avante. E, assim, temos avanços e recuos na América Latina e o nosso principal problema é a desunião. A Pátria Grande que foi pensada por Bolívar – quem lançou uma estrela que junto a Martí brilhou e Fidel dignificou, como disse o poeta cubano – estes exemplos históricos nos permitem sonhar com uma América Latina cujo duplo estatuto – ao mesmo tempo, colônia de acumulação primitiva de capital e colônia imperial – pode, neste momento histórico, se tornar um diferencial.

Com a Crise Orgânica do Capital, a crise de produção de valor e de acumulação que existe, se esgotaram todas as possibilidades de fazer crescer o valor cada vez mais. O desenvolvimento tecnológico, o capital constante, a formação bruta de capital fixo dentro dos principais países da Europa e nos Estados Unidos chegou a um teto, denunciando a composição orgânica do capital desses países. Frente a isso, as opções estão restritas por que, se por exemplo, elevam demais a taxa de juros, comprimem ainda mais os lucros. Este processo está colocado e criou outra questão. Como é possível encontrar veios, reservas para a acumulação? Nós temos hoje um grande veio para a acumulação. E essa veia é a biodiversidade. Pode ser que não nos atentemos a isso, mas hoje na América Latina, os povos da região Amazônica estão para a biodiversidade, o controle e o desenvolvimento mundial como os países árabes, na década de 1970 e 60, estavam a partir do petróleo, arma geopolítica deles. São paralelos.

Hoje, estamos perante esta possibilidade histórica de desempenhar esse papel estratégico. Agora só vamos conseguir fazer isso se nos unirmos, deixamos de ser esse pilar de sustentação, reserva de acumulação que os impérios, tanto da Europa como nos próprios Estados Unidos, têm para poder travar uma luta internacional. Todo mundo sabe qual é o papel de se ter força de reserva estratégica para poder travar uma luta fora do seu território. Se eu não tenho reservas, serei obrigado a me expor em todo esse processo. Há um custo-benefício da guerra, as leis da guerra são colocadas nisso. E hoje a América Latina tem esse potencial. Esse duplo estatuto pode mudar, ela pode transformar suas reservas de biodiversidade, sua população – o povo brasileiro, latino-americano, como povo de luta, inteligente, criativo – em uma nova civilização que está surgindo. Essa civilização latino-americana, essa que foi pensada por Darcy Ribeiro, essa que nós temos na nossa consciência histórica, que nos une não só pela glória, nos une pelo sofrimento que passamos, pelas chibatadas que levamos, pelos pelourinhos que sofremos, pela situação de miséria que nos foi imposta, nós temos a condição de ter essa unidade e realizarmos essa construção. Deixar de ser reserva estratégica dos Estados Unidos e da Europa, para sermos um dos elementos fundamentais nessa transição da ordem mundial.

Isso posto, retomo aqui o que disse antes sobre os três pilares da hegemonia dos Estados Unidos. Primeiro, o poder militar e tecnológico que mostrou estar enfraquecido. O poder da Rússia demonstrou isso. No segundo pilar, que é o pilar econômico e financeiro, a China está mostrando sua força de enfrentamento. Falta a ruptura do pilar do poder político, que pede o domínio em outros aspectos para que se alcance o poder de comunicação. Vemos as dificuldades que a China enfrenta para se comunicar com o mundo; é um problema histórico. Com a Rússia, passa o mesmo. Sem a comunicação, você não transita sua influência de um lado a outro. Inclusive, nós precisamos ir ao encontro do povo dos Estados Unidos, precisamos chegar em todas as partes, e dominar o pilar político ideológico que se mantém. Acredito acho que a América Latina unida, pode exercer esse papel. O que também contribuiria para o equilíbrio mundial. Europa, Eurásia e se incorporando a América Latina.

Neste sentido, tenho enfatizado a ideia dos BRICS como uma ideia fenomenal. Essa transição está se dando em torno dos BRICS, em que a China tem seu papel

importante de destaque, como direção de uma proposta; onde a Rússia tem um papel importante de destaque, por ter um acervo capaz de assegurar um desenvolvimento para toda a humanidade de forma justa. E o Brasil e a América Latina poderiam entrar como grandes mediadores políticos. Claramente, a Índia e a África-do-Sul têm um papel importante, mas há limitações que analisei em meu artigo recente para que exerçam esse papel no que toca suas relações regionais e, no caso da Índia, o fato de ser também uma força bélica com armas nucleares que intimidam as formas hegemônicas. Portanto, os países em condições de cumprir esse papel podem ser os que compõem a região amazônica, podendo constituir uma estratégia de desenvolvimento e mediação.

Enfatizo que não existe hegemonia política se não tivermos um modelo que sirva à humanidade. Não estou defendendo a possibilidade de caminharmos agora direto ao socialismo, mas de um modelo que possa permitir o desenvolvimento de todos, que garanta condições para que os países se integrem. Defendo que isso é possível. A China e a Rússia abrem um caminho; falta respondermos também. A América Latina tem um papel fundamental, por conversar muito com a África; conversar muito com a Ásia. Temos razões estratégicas para entender que é possível essa posição que garanta a quebra do poder político, o que não vai acabar com os Estados Unidos. Ele continuará sendo o país que é, com sua importância e seu desenvolvimento tecnológico, mas suas pretensões sobre o mundo serão restringidas e terá que conviver com uma nova realidade: a multipolaridade mundial.

Essas são algumas ideias de um trabalho que estamos desenvolvendo já há bastante tempo. Foi discutido no editorial do Jornal Inverta (Edição 513), fiz uma pequena síntese do trabalho para apresentá-lo aqui, pois já está com mais de 80 páginas. É um trabalho de fôlego e não seria possível a exposição completa das ideias contidas nele; portanto hoje, me restrinjo a estas contribuições.

É importante destacar que a elaboração dessa síntese foi também impactada pela mudança de 24 horas que tivemos que fazer de uma Universidade para outra. Há uma ideia de um homem que considero um gênio da política, o mundo todo se inspirou nele, que eu gostaria de citar: Lênin. Lênin escreveu em um pequeno opúsculo chamado “*Por Onde Começar?*”, em torno de uma polêmica que estava havendo entre mudar a forma de luta de dentro das instituições, para ir para as ruas. Havia muita gente que dizia “vamos fazer o que Karl Liebknecht está propondo: se em 24 horas muda a situação, em 24 horas deve-se mudar a tática”. E o que Lênin responde, em outras palavras é: “Certo, isso é fato. Mas primeiro, para mudá-la, é preciso ter uma tática, e segundo tem que ter uma organização. Não existe tática sem organização. E só uma organização é capaz de mudar uma tática em 24 horas”. Nós temos muitas dificuldades nos dois sentidos, mas conseguimos trocar nosso trabalho de local em 24 horas! A outra coisa que eu gostaria de dizer aqui, para finalizar, é que este Seminário, para nós, é um marco histórico. É a primeira vez que estamos realizando no Brasil um seminário que conta com os principais protagonistas da história contemporânea de nosso tempo: China, Rússia, Cuba, Venezuela, uma representação africana e nosso humilde Brasil. Temos este privilégio histórico em nosso Seminário. Vamos seguir em frente. Obrigado a todos e todas!